

Sara Brill – Catherine McKeen (eds.), *The Routledge Handbook of Women and Ancient Greek Philosophy*, Routledge, New York – London 2024. 649 pp.; ISBN: 9781003047858; DOI: <https://doi.org/10.4324/9781003047858>.

Observando a história da filosofia, parece incontornável a conclusão de que o conhecimento considerado válido foi maioritariamente de autoria masculina. *The Routledge Handbook of women and Ancient Greek Philosophy* é uma coletânea de artigos onde se reflete sobre o papel da mulher e de outras classes marginalizadas na história da Filosofia antiga.

O objetivo de Sara Brill e Catherine McKeen é que os 40 textos que compõem a coletânea promovam interpretações alternativas e que denunciem e desconstruam situações discriminatórias, provocando no leitor um exercício crítico reflexivo quanto à influência feminina, ou a falta dela, na História da Filosofia e em outros domínios científicos. Temas como a teorização de género num contexto de opressão, a parcialidade na valorização do trabalho intelectual ou a utilização do conhecimento como instrumento de dominação masculina constituem a pedra-de-toque desta obra, que abre novas perspetivas para o estudo dos textos antigos (p. 3).

A coletânea divide-se em 5 partes. A primeira parte estuda o legado de autores pré-socráticos do período entre os anos 700 e 400 a.C.. Nesta parte, destaca-se o inspirador artigo de Chelsea C. Harry sobre a poesia erótica de Safo de Lesbos. A segunda e a terceira partes são dedicadas ao período entre os anos 400 e 200 a.C.: a segunda parte contém uma análise dos diálogos platónicos e a terceira parte das obras de Aristóteles. É notável o artigo de Malin Grahn-Wilder sobre Hiparquia de Maroneia. A quarta parte, por sua vez, aborda o feminino na tradição pitagórica, estoica e neoplatónica, entre os 200 a.C. e 700 d.C. Por fim, a quinta e última parte estuda a receção dos textos antigos do Renascimento até à atualidade.

Revela-se particularmente interessante o artigo de Emily Hulme, *Plato's argument for the Inclusion of Women in the Guardian Class: Prospects and Problems* (p. 165), no qual se analisa a posição de Platão sobre o feminino. No quinto livro do diálogo *República*, Platão defende que as mulheres podem integrar a classe dos guardiões da cidade ideal, desde que sejam naturalmente habilitadas para essa tarefa. Por causa desta posição, Platão poderia ser considerado um «proto feminista» (p. 523). O princípio da especialização (*protos logos*), fundamental para a consecução da cidade justa, abarcaria as mulheres e outras classes historicamente segregadas. Contudo, o argumento da especialização parece não ser suficiente para asseverar que as mulheres também possam ser guardiães da cidade. Sócrates reflete acerca da possibilidade de concretizar esse plano e conclui que, face ao “costume presente”, tais intenções pareceriam ridículas. Hulme discute diversas passagens dos diálogos platónicos com o objetivo de entender até que ponto Platão reconhecia o potencial das mulheres. A posição platónica nem sempre é positiva. No diálogo *Timeu*, Platão afirma que a reencarnação da alma num corpo de mulher é um castigo: a mulher seria, nestes contornos, tomada como inferior ao homem. Contra a tese de Gregory Vlastos, Hulme observa que, pela análise dos diálogos platónicos, não se pode concluir que Platão seria um defensor dos direitos das mulheres. Afirmar que as mulheres também podem ser guardiães da cidade não é o

mesmo que afirmar que as mulheres são iguais aos homens ou têm os mesmos direitos que aqueles (p. 174). Hulme conduz, assim, o leitor à seguinte questão: o que podemos aprender ou que vantagens podemos retirar destes textos para solucionarmos questões contemporâneas? A resposta de Hulme é a de que ainda hoje homens e mulheres não são considerados equitativamente aptos para os mesmos trabalhos (p. 177).

Particularmente interessante é, também, o artigo de Alexandra Michalewski, *The place of Women in the Neoplatonic schools* (p. 482), sobre o papel da mulher na filosofia neoplatónica. De acordo com a autora, os seguidores de Platão, cientes das posições contraditórias sobre a mulher presentes nos diálogos platónicos, esforçaram-se por harmonizar estas posições. Proclo, comentador atento das obras platónicas, procurou resolver estas contradições através de uma peculiar caracterização da alma humana (p. 487), recorrendo a conceitos metafísicos para defender que as almas humanas são sexuadas. As almas masculinas e femininas diferenciavam-se na composição. As almas femininas, caracterizadas pela natureza do ilimitado e do múltiplo, orientariam a atividade contemplativa para o sensível, enquanto a atividade contemplativa das almas masculinas, caracterizadas pela natureza do limite e da unidade, estariam orientadas para o inteligível (p. 487). No sistema filosófico de Proclo, a mulher encontra-se associada ao múltiplo, ou seja, a alma feminina está mais afastada da unidade. Michalewski observa, porém, que Proclo acreditava ser possível redirecionar a alma feminina na direção do Uno através da educação (p. 488). No sentido de concretizar esta possibilidade, Proclo procurou promover a educação das mulheres, considerando que existiam mulheres que poderiam ser excecionais.

O volume coletivo de Sara Brill e Catherine McKeen é um excelente ponto de partida para refletir acerca do papel que a mulher e outras classes marginalizadas desempenharam no pensamento antigo. O volume permite fazer uma reconstrução genealógica das práticas discriminatórias do feminino e de outros grupos sociais e mostrar como estas práticas se mantêm presentes na atualidade devido à influência das teses de Platão, de Aristóteles e de outros autores antigos. Além disso, o volume contribui de forma notável para o enriquecimento dos debates contemporâneos nos mais variados domínios, tais como as questões de género, os direitos humanos, a política e a ética.

Sara Ferreira
(Faculdade de Letras da Universidade do Porto)